

mal pasado

Bruno Canabarro

mal passado

undertone

Bruno Canabarro¹

1. Ator, performer, escritor, dramaturgo, professor de arte e leitura na rede municipal de São Paulo e Mestrando no PPGA/UNESP. E-mail: brunocanabarro@gmail.com. ORCID: 0000-0001-8884-9719.

Resumo

mal passado. esta narrativa poética do relato de um sonho, a partir dos acontecimentos no contexto da pandemia no brasil, transita pelo delírio e o turbilhão de um país que desespera. a transgressão das normas e o caos formal e estético das palavras nos direciona à subjetividade de um indivíduo que está no centro de um tormento. e ele não está sozinho.

Palavras-chaves: Criação literária. Ficção dramática. Monólogo. Cena contemporânea.

Abstract

underdone. this poetic narrative of a dream report, based on the events in the context of the pandemic in brazil, travels through the delirium and intensity of a country that despairs. the transgression of laws and the formal and aesthetic chaos of words direct us to the subjectivity of an person who is at the center of a torment. and he is not alone.

Keywords: Literary creation. Dramatic fiction. Monologue. Contemporary scene.

não me lembro de muita coisa e escrevo agora como quem se desespera com o futuro. é cedo e ainda não consigo ao menos compreender as horas. a compreensão tem sido pouca. a cabeça tem sido louca. o corpo tem mexido nada. na cama do abandono é onde mais é possível passear. calma e perfume. estranho falar de perfume hoje. não sinto cheiro algum. mas codifico algum aroma marcante. um cheiro que tem textura grossa. cheiro que sobe e se espalha no ar quando a mangueira lava o asfalto. ou quando no chão o pano é passado. presente. futuro. temos falado tanto nisso. não entendo. escrevo porque estou só hoje e porque acordei cedo para fumar. escrevo porque tenho tido sonhos embaraçados e porque os dias têm sido brutos com a felicidade. já não sei onde buscá-la. a felicidade é aquilo que precisa de duas pernas boas para correr atrás dela. não é isso? a felicidade está por perto, mas precisa ser pega pelo pescoço. não tenho obstinação para isso. hoje. hoje não. eu é quem estou pego. sufoco. dor. agonia. espera em demasia. não dou espaços. rimo algumas palavras pela intuição. não quero me obrigar a produzir efeitos belos. me encantam as palavras que criam terrenos vazios. campos abertos. sugerem hipóteses. sons. cores. possibilidades de fuga e captação. escrevo porque sinto que a notícia que virá não me basta. eu quero mais. preciso. escrevo e busco chegar no amargo da coisa. o amargo da coisa me move até a cozinha. o amargo da coisa me orienta a esquentar a água no bule e despenca-lá sobre o pó. o amargo da coisa me impede de adoçar o café e de assoprá-lo. o amargo da coisa me nauseia. tenho sido movimentado pelo amargo. gosto de ferro na boca. acordo com um prego entre os dentes. passo a noite mordendo um prego que não se desfaz. engulo o caldo ferroso. estou imune, intuo. cuspo um prego na louça da pia enquanto acredito que escrever seja uma reação concreta sobre o colapso. isto aqui está à beira de um precipício e vejo duzentos milhões de pessoas de mãos dadas para voar. um pedaço da américa latina está se carcomendo. o rabo comendo o rabo comendo o rabo comendo o rabo da terra. que mundo aos pedaços! este país-pássaro está pronto para o voo. e queda. quando escrevo a palavra queda, eu caio. então escrevo. cada palavra, um prego. o amargo da coisa ainda é a procura intensa. tive um sonho esta noite e quando acordei cuspi um prego na pia. enferrujado já de tanta saliva. a saliva enferruja tudo: prego e palavras. desaguou muito de boca fechada. há tempos que estudo a possibilidade de me curar de tudo que me afoga pela garganta. tenho tido pesadelos horríveis. são os dias, dizem. é o tempo, ouço. está difícil compreender a caminhada. escrevo como quem precisa descobrir um mistério sobre a sobrevivência. espero sobreviver à minha escrita. têm palavras que me matam aos poucos. me calam. me doem. quando eu escrevo surto, alguma coisa me paralisa. morro um pouco. é assim também com ignorância. caixão. mandíbula. célula. mãe. arte. urro. cuidado. horror. migalha. beleza. depois de cravá-las, um tempo é necessário para prosseguir. algumas palavras são difíceis de sair da língua. no áspero da língua as palavras tropeçam.

precisam ser expulsas. se agarram ao muco querendo resistir ao mundo. lanço-as ao papel. cravo-as na celulose. estão inscritas. registradas. uma marca para sempre. cada palavra carrega em si o peso de um símbolo. algumas palavras me assassinam. injustiça. progresso. salário. armamento. negligência. culpa. ego. com estas morro de uma só vez. a morte sopra em meu ouvido cada palavra. ouço. tenho medo. já esqueci de tudo. não me lembro de muita coisa e escrevo como quem se desespera com o futuro. estou tentando uma dura narrativa a propósito da esperança pós-presente. no presente me desespero. proponho uma esperança posterior. não sei se é possível. é? que se consiga engravidar de uma esperança. gerar uma esperança por dias e dias e dias e dias e dias e dias. fermentá-la. com calma e cautela. produzir uma esperança aos poucos. internamente. coletivamente (será utópico demais?). criar uma esperança capaz de nos assegurar lá na frente. quanto tempo dura? não sei. é duro. a esperança pode amolecer esse estado. maiúsculo. duvido das letras grandes sobre as menores. hierarquização simbólica. estado. a esperança pode amolecer o estado maiúsculo. e pode cansar também. não sei. tentativas e erros. engravidar. gerar. produzir. criar. do que estou falando aqui? me engano fácil enquanto escrevo em busca de algo. do amargo da coisa. só consigo dizer agora que o café já esfriou e eu continuo descobrindo o que as palavras me causam. curam e matam sem pensar. meu corpo já se cansou de ser mole. há alguma coisa crescendo aqui dentro. uma gestação involuntária daquilo que ainda pode levar além. e isso não exclui a hipótese de explosão. um corpo em cacos é um corpo além. tenho visto muita gente morrer na invisibilidade. um corpo que nunca esteve aqui. aparecimento. apagamento. substituição de uma presença. perda. com calma agora tentarei narrar o amargo. finalmente. não me lembro de muita coisa. só dela. uma mulher. batons, sombras e lápis. maleta de maquiagem erguida pelas luvas que cobrem as mãos. a maleta envernizada abre-se ao lado de um corpo sobre o asfalto lavado. madeira aberta. tudo com cuidado. e máscaras. e luvas. delineava as curvas, cílios, maçãs de bochechas vazias. reparou na falta de dentes de ouro, no furor da língua engolida pela garganta. o suicídio. o grito. o assassinato. o velho que passou caminhando lento. o contrato. o vencimento. o aluguel do terreno baldio. a terra. a mata. a mata. quem mata? a máquina-mundo que não para. a máquina que para. as entradas de um local que te inventa novo, que lhe parece antigo. pré-moderno. hoje. hoje ela entrou e abriu a caixa envernizada para um novo corpo morto. a porta. a saída. a única saída. a confusão. me lembro disso apenas. tudo ao mesmo tempo como imagens sobrepostas. minha cabeça tem sido fértil. durmo demais e penso muito. mas não reparei em cada uma destas imagens como gostaria. perdi os detalhes, acho. mas vi a crueza de como a vida acaba. de como a pessoa passa. de como a gente continua. o quê? madrugada. tento dormir como diariamente sete bilhões de pessoas fazem, ou deveriam poder fazer. sei lá. tento dormir. obtenho sucesso em menos de uma hora. grande avanço, penso já adormecido. e daí é que começo a me confundir. (me desculpa se algo aqui não parecer fantástico demais. mas pesadelos são mais reais). cinco e meia da manhã. eu deveria estar indo tomar banho para o trabalho. todos os dias, de segunda à sexta, pontualmente às sete horas da manhã, estou de pé no corredor, na porta de uma das quinze salas que entrarei para dar aula, esperando os alunos chegarem. trinta e três, em média. diga trinta e três, senhor. ela falou em algum momento. normalmente, todos alunos chegariam, eu lhes daria bom dia e eles, em

sua maioria, não responderiam. eu ignoraria (e seria a minha primeira ignorância do dia) e continuaria tirando a minha mochila das costas e falando. falando. falando sobre o que faríamos ali, hoje, neste dia se ele pudesse ter sido assim. as caras amarrotadas de sono, mas a boca já mascando um chiclete, me olhariam cheias de dúvidas e algum ódio. eu compreendo. eu legítimo as dúvidas e compreendo o ódio. cada vez mais eu compreendo o ódio. essa compreensão me invade e já estou com a mesma cara que eles naquele momento, mas falo. falo somente o suficiente neste horário. seguiríamos a primeira aula. quarenta e cinco minutos longos e curtos. contraditórios. impessoais. cruéis. tudo ao mesmo tempo para aumentar ainda mais a confusão. a dúvida. a beleza dessa poesia diária que maltrata e apazigua o mundo. o corpo. depois a segunda aula. a terceira. a quarta. a quinta. a sexta. almoço de dez minutos. a reunião. a sétima. a oitava. a nona. a décima. a décima primeira que serviria para preparar as próximas dez aulas do dia seguinte. não pode ser assim. não deu. hoje. hoje não. hoje não foi. hoje eu acordei, cuspi um prego na pia e comecei a escrever sobre o amargo de um pensamento. pesadelo que me amanheceu. ele começa com uma longa escuridão. e silêncio. imagino sem certeza o que isso quer dizer. uma multidão lenta num cruzamento do centro da cidade. lenta como se performasse para um vídeo clipe. ou tivesse a intenção de intervir no corriqueiro funcionamento social desta cidade. uma intervenção urbana, sabe?! mas não parecia se tratar de arte verdadeiramente. parecia algo mais popular. acessível. aproveitável. multidão abastada de qualquer soberania. poder. direitos. multidão empobrecida. pensante. indignada. essas são as leituras que aquela imagem me traz. entenda. depois um corte brusco. pareço assistir cenas de um filme ao qual não comprei ingresso. sou obrigado a ver de olhos nus. estou na primeira fila. próximo demais de cada ação. quem me obriga ao terror? nova escuridão. num outro corte de imagem: o vento soprando folhas numa rua vazia de gente viva. vazia de gente viva. entenda. muitos caixões. muitos. como se estivesse assistindo à primeira cena do último filme de kleber mendonça. talvez fosse a sua provocação que ainda está habitando meu corpo. minha cabeça. um brasil no futuro que já é um presente tão antigo e velho que parece passado. outra vez isso. clichê e fato. doído. ali, no vazio de humanidade, uns homens astronáuticos carregam caixas de madeira que, só de olhar, dá para ver a péssima qualidade. como se, só de olhar, eu visse corpos caindo de dentro dessas caixas frágeis enquanto são levados à terra. afinal, gente que morre não escolhe casa. alguns vivos também não, soa na minha cabeça um grito. não poder escolher sua casa é como ser obrigado a viver no perigo. abismo. buraco. cada casa deve ter sua função: proteger e guardar. cada corpo deve ter sua função: prazer e descanso. agora me confundi. tudo parece contradizer meus conceitos sobre como garantir qualidade e direitos. não sei mais até onde confio no que penso. mas de dentro daquele prédio pré-moderno saem dezenas de pessoas que não identifico quem são, carregando, a cada duas, um corpo. alguns enrolados em lençóis. outros em plásticos pretos ou transparentes. a situação parece desesperadora, mas com uma maturidade impressionante. tudo-sobre-controle, frase pronta que aparece na legenda da minha imaginação. sinto que esta madrugada foi produtiva. deveria ter acordado em êxtase por ter conseguido, finalmente, produzir muito e espontaneamente. há dias que a inutilidade toma conta de minhas mãos e nada eu consigo escrever. sinto que nunca tive essa capacidade, talvez sempre tenha sido sorte e, agora, acabou. como se

tudo isso me mostrasse quem realmente sou, e não tem nada a ver com palavras. um fracasso. escrevo. mas aqui estou novamente. insisto nisso, parece. esta madrugada eu pude voltar. fui pego pelo pescoço. fígado pela língua. deveria me sentir inteiramente produtivo, finalmente. mas o que me amanheceu foi o amargo daquele prego. essas duas situações, imagens, se misturam muito no meu pensamento enquanto eu durmo: a lenta multidão andando e os caixões podres chegando. uma terceira situação é a mulher. personagem principal deste universo. essa mulher de quem me recordo bem. essa mulher que me choca. me obriga a estar aqui, agora, vomitando. essa mulher está ali, se mune apenas de luvas e máscaras e uma maleta, que mais faz lembrar uma caixa de esmaltes envernizada. ela, nitidamente, tem um objetivo. ali, na vida. ela é concisa. fria. calcula todos os passos. mexe pouco os braços. atravessa a multidão de corpos, que não param de sair do prédio, e para no mais distante deles. o último corpo da fila. estou aqui, na distância da minha cama, assistindo atônito e agoniado estas ações. que mulher, meu deus! eu me conecto a ela através da minha ânsia em descobrir humanidades em meio a catástrofe. meu puro desejo de descobrir o amargo da coisa. penso em como podemos classificar os perigos. tenho a ideia de criar uma tabela excel para classificá-los em: leves, razoáveis e graves. depois penso que não deve haver perigo razoável. depois tenho dúvidas. desisto. imagino se é possível preparar um luto futuro. organizar uma perda simbólica. invisibilizar uma dor nunca produzida. apagar uma marca criada por outros. criar mecanismos de defesa do coletivo. propor ataques fatais aos inimigos. cultivar as distrações para sobreviver neste tempo. por quanto tempo? por quanto tempo? vai durar? que difícil! logo eu, que sempre preferi correr riscos, paralisei enquanto aquela mulher se ajoelhava no chão, desenrolava o lençol do primeiro corpo, o último da fila, e abria sua maleta. uma face quase invisível. distante demais de mim. dela. quem é? quem era? palidez. a morte tem essa cara insossa que dói só de olhar. estamos cada vez mais próximos: a morte e eu. cara a cara. a consciência da morte faz com que sinta sua presença. maior e menor. depende. agora maior. faz tempo. maior. o desejo de matar é oportuno para aqueles que precisam do fim da inteligência para que seus planos sejam executados. então executam. a morte já deixou de ser ocasionada pelo invisível. nome e sobrenome e endereço e cargo. sabemos de tudo. e a morte é transcrita em seu crachá. suja ainda mais sua ficha. um carimbo em papel timbrado: eu fomento o fim da vida. e o que estamos fazendo? meus alunos me mandam mensagens. todos os dias. professor, aqui em casa não dá mais. o que houve? cansei. não tenho onde ficar. tá cheio. vou sair. tá cheio de gente aqui. tá cheio. na rua é mais vazio. só ela e o perigo e eu. toma cuidado. fica em casa se puder. eu não posso mais. não posso. nasce aí uma nova impotência. a precariedade da vida é avassaladora diante meus olhos. não adianta chorar. me seguro. sou fraco diante fatos. sensível diante frases genuínas. fraco. a mulher, ajoelhada, olha profundamente para o cadáver que descobriu. se prepara para a batalha. se sempre houve batalha, sempre haverá. um pincel chato numa sombra azul. um mais grosso para as bochechas. um batom rosado. e um perfume. estou longe, mas sinto o cheiro da fragrância se misturando com aquela nuvem embalsamada de morte que sopra na minha cara. formol. mofo. não é um cheiro bom, diria. mas também não é inédito. lembro-me de ser cada vez mais comum sentir este cheiro de perfume com morte. em breve estará vendendo em lojas de departamento, imagino. o cheiro deste tempo, divulgariam

no marketing. experimente. esconder a carne podre e mal passada por debaixo de alguns esguichos de fragrância francesa é perfumar o podre com elegância. hábito. hábito nosso esse de perfumar o podre. mascarar a degradação de uma era. e aquele rosto é coberto novamente. e as ferramentas são postas na maleta. e a mulher se levanta. não limpa os joelhos. anda até o próximo corpo. pouco a pouco ela se aproxima de mim. já não sei se faço parte daquela fila de corpos. estou deitado, mas pareço ainda poder pensar. estou confuso. tenho alguma ideia da morte, mas não quero provar. sempre me pareceu gosto demasiado umami, o que agora contradigo. amargo, talvez. insolúvel. a morte é um prego na minha boca. não, não estou nesta fila. ela é grande, mas acaba antes de mim. isso pode ser um alívio num cenário tão devastador: não, eu não faço parte da fila de mortos no chão. que alívio individual e prazeroso é esse neste momento: não, eu não faço parte da fila de mortos no chão. ainda. ainda não sou um dos números que serão contabilizados e noticiados na noite seguinte enquanto todas as pessoas deveriam estar preparando a janta na cozinha de suas casas. ainda não morri. ela segue a batalha. mudaria agora a palavra para guerra. seria mais adequado. guerra. definição de um longo tempo. tenho me acostumado a escrever guerra: guerra. e tenho medo de me acostumar com ela. gostaria de estar escrevendo agora jardim. epifania. luzes. mas é guerra que escrevo. a guerra no papel é mais bonita. a guerra no papel me apazigua. me iludo com a grafia como se nunca fosse possível haver bombas e canhões. quando leio: guerra, me esforço em não imaginar a destruição total de uma espécie. a guerra no papel é mais bonita. faz boa composição com a sua palavra-irmã: fim. e quando juntas, propõe ainda um recomeço. fim da guerra. não é bonito? a guerra sozinha no papel me aproxima do que vivo hoje. vejo carros blindados e bandeiras hasteadas. vejo o espectro de um líder. vejo o anúncio da desgraça. guerra. é guerra, eu digo. não sofro muito. mas penso sobre efeitos. causas. guerra: representação daquilo que não se deveria querer. em oposição à guerra há uma mulher. no próximo rosto que descobre ela utiliza apenas uma base. e blush. todos recebem o mesmo esguicho de perfume no pescoço. na imagem paralela, a multidão continua caminhante. temo agora que se encontre com os corpos no chão. e que, de tão focada em seguir na sua caminhada lenta, a multidão pisoteie os frágeis caixões e matem algum resquício de dignidade que possivelmente ainda exista pairando sobre estes corpos. mas as imagens parecem estar heterogêneas na minha cabeça. água e óleo, sabe? multidão e morte. opostos, sim, porque a morte é solitária. ainda que estas mortes, destes corpos, seja a revelação de uma sociedade inteira se enterrando. morte de um povo. um morre, morrem mil. cem mil. duzentos milhões. todos no mesmo caixão podre. poucos podem escapar disso. poucos escapam do líquido podre que a morte provoca. água e óleo, lembra? poder e morte. é isso. na busca pelas respostas, eu espero enxergar o limite das minhas elucubrações. sinto a falência de tudo aquilo que, um dia, achei que pudéssemos ser. não sei se posso escrever fracasso agora. fracasso. vejo que tentamos, tentamos muito. não deu. que fluxo de falência é esse a que temos assistido de dentro? existe uma mulher agindo diretamente com a morte dentro da minha cabeça. esta ação imprevisível e linda me assombra. pareço trancafiado nela. obrigado a ver isso como se um dia tivesse duvidado de que fosse possível haver poesia no fim de tudo. não sei. a realidade me atravessa dura. penso em bebidas e drogas. penso em filhos. em livros. nas minhas alunas. nos meus pais. no meu amor. meu amor.

cadê? estão todos presos aqui. na minha cabeça. não é tão oca assim, não. penso. imagino pessoas que não conheço. danço com elas na frente desta imagem. terror. ah! danço à frente de tantos mortos. horror. ah! agora sou eu quem maquio a morte. entretenho. não me sinto bem. quero ir embora. pra onde? não dá. e volto. é como se estivesse agora vivendo o tormento de um roteiro de gaspar noé. ninguém sai ileso, e a realidade é uma faca na minha cabeça. estou trancafiado e sem respostas. o que é isto? quem sou? eu? você? por que vivo e eles morrem? há uma faca cutucando minhas ideias. miolos soltos. arrepio. aquela mulher me atçou. me trancou nela. feitiço. sinto ainda o quanto tremi de pavor ao não conseguir desligar do cérebro aquelas cenas que atordoavam meu sono. pensava o quanto aquela mulher realmente queria estar vendo aqueles corpos deitados em seus joelhos, e o quanto o invisível que os matou realmente queria os matar. quem está matando essas carnes? alguém os queriam mortos? alguém os queriam longe? me mostra a cara da arma! higienização. limpeza. seleção. eu grito e já não sei se estou dormindo. confundo pesadelo e realidade. vazia a rua estava, cheia de corpos mortos. o vazio de gente viva é mais terrível que o vazio. estou em são paulo. o brasil é essa imensidão desorganizada que leva a ordem no peito. ironia. ambivalência. outra confusão essa. mas é cada vez mais certo o progresso. uma nação necessariamente precisa progredir. crescimento é natural. estados e municípios. população. economia. essas palavras carregam um fardo e perduram nos séculos. o progresso é lindo. miséria. fome. rua. violência. morte. uma palavra carrega outra. progresso coletivo, dizem. todos crescem. à frente! sigamos! a destruição que se produz é tão grande quanto o progresso que se almeja. há um soluço pairando no ar. país de um futuro sombrio. expectativa grande. realidade bruta. escrever a realidade é impossível. abra os olhos. veja. aqui eu proponho a experiência do retorno. algo precisa novamente nascer. uma recriação. nascer forte. revolução nada mais é do que isso: fortalecer. há uma espécie caindo no buraco que o crescimento cavou. extinção. me desespera olhar para a terra. preciso comer o desespero para que meu estômago ataque em refluxo e eu possa vomitar, me livrar dele. quero ser livre do desespero que tudo o que existe hoje no mundo me provoca. e me dizem que não podemos parar. há quem realmente não possa. e o progresso é certo. golpe certo ao alvo. progressão. um. gripe. dois. gripe normal. três. gripe comum. quatro. gripe forte. cinco. dor no corpo. seis. febre. corpos morrem. dezessete. susto geral. medo. vinte e quatro. a vizinha grita na janela. trinta e dois. a mulher vai ao trabalho chorando. quarenta. acaba o produto químico. oitenta e sete. falta de ar. falta de ar. falta. cento e quarenta e um. álcool. construção a todo vapor. cento e noventa e nove. discurso. ódio. direito. privilégio. foda-se. trezentos e quinze. assassinato. genocídio. extermínio. trezentos e sessenta e quatro. morte súbita. caseira. enterra. quatrocentos. falha na comunicação. quatrocentos e oitenta e oito. mamãe tem saudades. quinhentos e sete. corte de verba. fome. miséria generalizada. quinhentos e trinta e nove. horror. medo. horror. quinhentos e cinquenta. pesadelo constante. realidade. crise. progresso rápido. setecentos e dois. não aguento mais. respiro com dificuldade. vou à janela. alguém pula. queda. oitocentos e noventa e três. leio. escrevo. leio. perco o emprego. novecentos e trinta. mensagem. áudio. vídeo. vídeo. vídeo. mil e duzentos. tesão. sono. ansiedade. mil quatrocentos e sete. ameaça. omissão. yoga. mil e seiscentos e oitenta. irresponsabilidade. insônia. terror. terror. terror. show. mil e oitocentos e noventa e nove. abram tudo. abram.

abram. eu mando. morram. mil e novecentos. está lotado. lotado. lotado. lotado. lotado. lotado. duas mil e cem. mercado. farmácia. mercado. mercado. farmácia. duas mil e trezentas e quatro. que casa? o que é on-line? grito. grito. panela. grito. duas mil e quinhentas. máscara. receita. oxigênio. mascara. três mil e duzentas. exagero. tudo-sob-controle. calma. quatro mil e oitocentas. exclusão até na distância. educação. cursos. cursos. cursos. cinco mil e cem. alô, vó?! seis mil e seiscentas. não tem exame. fica em casa. sintoma. sintoma. sete mil. grande queda econômica. oito mil e duzentas. vinte pessoas moram juntas na mesma casa. nove mil e quatrocentas e duas. rodízio. rua vazia. rua cheia. dez mil. luto. luto. luta. silêncio. e perco as contas. e as contas param. e o tempo vai depressa. estamos progredindo. estamos progredindo bem. é o futuro. o crescimento é notável. um país que cresce tanto não passa despercebido. quanto mais, melhor. não. erro. quando mais, mais fundo. estes números cavam a cova de uma nação. estes números, que não param de crescer, colocam um país inteiro dentro de um túmulo. na lápide, sugiro: eu tentei dar um jeitinho. ou então: esse é o país que eu quero. ou ainda: foi por pouco. quando uma sociedade inteira enterra um país, como isso chama? quando falta o ar de um país inteiro, o que acontece? me lembrei de um poema: “descansa...”, não consigo. só essa palavra fica ecoando aqui. descansa. é da hilda hilst. não me lembro da continuação. continua? não importa. isso basta. descansa. estranhamente eu consigo narrar isso. talvez porque tenha sido rápido e porque tenha me chacoalhado muito. já duvido se dormia ou se assistia televisão enquanto tudo isso habitava minha cabeça. mente fértil. memória elástica. imaginação dura. aquela mulher ainda mora dentro de meu cérebro. só penso nela. ela representa muito. agora é ela quem dança para mim. coreografia de encerramento do último ato. ela é delicada e tem força nos dedos. eles não tremem. delinea perfeitamente. já nos últimos corpos, quando chegara o momento da transição: levantar-andar-ajoelhar, consigo olhar nos olhos de deus. mulher. esta mulher. me sinto próximo de minha mãe. amparado em seus braços. suas rugas me sorriem no canto da máscara. mentira. vejo uma profunda tristeza. desamparo. solidão. estar rodeada de mortos não é estar acompanhada. me encolho. posição fetal em minha cama. me cubro inteiro. pareço agora entrar para dentro. cair. é como se ousasse me esconder. covarde, eu diria para mim. covarde. acho que ela me encara agora. cúmplice. abaixo a cabeça. agora eu sou meus alunos quando não me querem responder. eu os compreendo, penso. eu os compreendo diante da repreensão. quando me volto para a imagem, lá está ela, a mulher na crueza da sua atividade. loucuras. sanidades. o que são? espero. isso parece que vai durar. me arrepia. me desespera. estou absurdamente desesperado. ela está calma, parece. não consigo acreditar. sinto uma lágrima escorrendo na minha pele adormecida. me escorre até o pescoço. fui pego. uma lágrima minha me captura a voz. nada mais pode ser dito. espanto-me com minha inércia e conformismo. há quanto tempo estou parado aqui? demora ainda? vai acabar algum dia? quando? estou interrompido. ela termina. ela continua andando pela rua. tudo permanece igual. não eu. eu penso em gritar: faltou eu! para a mulher olhar para mim e eu poder lhe perguntar alguma coisa sobre ela. sobre a beleza. tenho tantas dúvidas. até dormindo eu duvido. queria que ela me maquiasses com a mesma leveza que fazia em cada rosto, em cada face que nunca vai poder agradecer. a morte é ingrata. não. não é sobre isso. não sei o que estou propondo aqui com essa frase. escrevo com o pulso agora. ele segura minha mão

e escreve. estou conectado às minhas veias e artérias. uma rede de órgãos conectados e dedicados a escrever o que não se pode deixar passar pelo mundo sem aparecer. a desconexão é ode à ignorância. solitude amena. estou confuso. vai passar. não. não sei o que pensar. me pergunto o que é essa tentativa senão a necessidade, talvez pura, de precisar encontrar a poesia das coisas. já não há? não. há tempos que o monstro anda à solta e a gente não consegue se abraçar. ainda não havia nada de invisível no ar. parece. alguém me diz. alguém me diz da beleza? não encontro. não estou só nessa busca desarmada. quem mais? não há nada que me valha depois de aqui. perdi a noção. não estou farto. ainda me faltam coisas. lembrei de novo, “antes que o mundo acabe, antes que acabe em nós nosso desejo”, também da hilst. não sei o que anda acontecendo com o clima. mórbido. agudo. ela termina. o invisível agora aparece. cores nos rostos que não mais se mexem. vermes e bactérias. vírus. nunca antes ele foi tão visto. mesmo invisível, visto. e todos os corpos ainda sem nome. números. a invisibilidade é uma face da crueldade. me parece que aquela mulher sabia o que faria antes que o mundo acabasse de uma vez por todas. e fez. em seguida, como se os créditos finais subissem em meus olhos pressionados como se nunca mais quisessem abrir, percebo minhas mãos cerradas, prontas para a luta. trêmulas, sim. geladas, talvez. eu olho para elas. abro-as. estão lisas, pálidas. quase invisíveis. não sei o que aconteceu comigo durante esta noite. finalmente acordo. amanheço. com as mãos fechadas para uma luta, eu amanheço. abro os olhos com dificuldade. vivi uma vida inteira neste pesadelo. realidade. são oito e quarenta agora. eu não paro de pensar em números. é o progresso. eu entendo. a gente vai precisar continuar. padeço sobre a cama. suor. suor demais. fede um pouco. perfume podre. vencido. estou sufocado. acabou. me levanto. preciso respirar. falta ar. espirro. não vou encontrar corpos no chão ao abrir a porta do quarto. não vou. repito isso como um mantra. oração que não sei fazer. faço. abro. desço as escadas. preciso fumar. minha boca esta seca. um amargor estranho. dolorido. cuspo um prego enferrujado na pia. sinto gosto de sangue. meu? estou engolindo tantas mortes. tenho ânsia. abro a janela. começo a fazer um café. sento na cozinha. penso. produzi muito esta madrugada. estou cansado e preciso escrever. a escrita é algo que me amolece. eu preciso dela para que não sinta que seja o fim de uma estrada que tenho percorrido muito de pés descalços. eu preciso da palavra fincada à mão nas folhas vazias. algumas palavras me suscitam uma festa. danço quando imagino uma língua. a linguagem me sacode. meus ossos são compostos de pó e fibra. duas palavras que se movimentam dentro deles. se trombam. se batem. estou ansioso. tenho pânico de que tudo permaneça. a permanência é uma dor e uma graça. busco ainda uma deficiência no sistema porque não tenho mais em que me agarrar. é a falha como solução. espero encontrar as falhas daquilo que promete sucesso. gosto dos erros. prefiro. a escrita ainda me levanta pela mão. a escrita me dá o braço e me carrega nos ombros. sou carregado. sou feito traço entre letras: preciso ficar no meio. quero ser sufocado por um alfabeto. não sei porquê falo sobre isso. minhas mãos escrevem soltas. não posso para-las. ato contínuo de uma necessidade básica. comer. dormir. amar. entenda. o mais bonito ainda está por vir. é palavra rara. não sei como começa nem como termina. está adiante. nenhum pensamento alcança. que felicidade essa de ainda acreditar no que pode chegar de repente e manusear com as mãos as circunstâncias do cotidiano. eu dormi e sonhei. tenho sonhado muito. hoje consegui escrever.

achei que não pudesse mais ser possível. esse tempo me tirou a possibilidade de acreditar. mas hoje, hoje eu acreditei de novo. no meio desta zona, consegui. aqui estou. obrigado. espero que algo ainda seja possível depois. depois. não almejo muito. espero que a vida bata à nossa porta depois de tanto falecimento que invadiu nossas casas. casas. cascas. isso aqui está propondo uma quebra. hiato. espaço. não há espaço e tempo. aquela mulher me transtornou a mente. não sei o nome. não sei o endereço. não sei as marcas. dormi e vi seu rosto me olhando e embelezando rostos caídos. anjos. sei lá. não acredito em muita coisa do que disse. mas escrevo porque acredito naquilo que pode fluir instantaneamente. sem cláusulas e contratos. sem formas e regras. é preciso destruir as convenções para que algo novo ressuscite. dez mil corpos não ressuscitarão, mas há um caminho à frente. qual não sei. mas há. não é possível que toda uma correria acabasse assim. este povo precisa de socorro. fogo e chamas. vulcões e torrentes. alguma coisa ainda precisa mexer. abalar as estruturas. eu estou abalado. a guerra é isso. lava e sangue. prego e sono. ferrugem. ânsia. ansiedade. dor. crise. pânico. escrevo a palavra sorriso e ele naturalmente salta em minha boca. com sal eu choro. com vento eu suspiro. por que é dura a jornada? desde a colonização, há séculos e séculos, isto aqui foi arrasado. terreno baldio com aluguel mensalmente cobrado. não pago. corro dos alugueis. quero não pagar para morar na minha terra. não pedi para nascer, mas gostei da experiência. triste é ela acabar assim. do nada. aqui poderia ter tido mais tempo para algo maior se desenvolver. escrevo ainda sem tempo para terminar porque já não preciso ter pressa. tudo me avassala. minto. tudo me transborda. desaguio muito de boca fechada. mas não tenho com quem verbalizar. boca calada. poética muda. estamos aprendendo novas maneiras de interação. movimento vocal. gesto. apelo. precisamos concentrar na hipótese de que não haverá nunca algo que dê conta de uma catástrofe. quantos morreram hoje? esqueço. surto. lembro. tenho saudades do beijo. que necessidade é essa de beijar o que nunca viu o rosto? beijo, por enquanto, as imagens que crio quando escrevo. crio muitas imagens enquanto estou sentado à frente da parede da cozinha esperando o café ser passado. presente. futuro. vai ser sempre assim? quando escrevo passado o presente e o futuro me obrigam a colá-los a ele. então os três sempre andam juntos. colados. gostaria de poder invadir estes espaços entre eles. não há tempo ou espaço. há instante. quem me disse isso? minha cabeça ecoa como que manhosa. supero minha carência. meu peito tem pedido espaços também. e colo. e vacina. e cura. e mar. que sono! estou em pé ainda e por isso consigo dormir. depois que durmo, sono. acordo. escrevo. não sou obrigado, mas quero. alguém me pede: escreve para mim? eu enrijeço. a necessidade deve partir da letra. ela explode quando precisa ser enviada. dita. usada. eu uso as palavras. uso mal às vezes. uso bem às vezes. depois desabo em choro. assusto. me corto. atiro para todo lado. letras ao ar. falta ar. ar. água. quando escrevo choro melhor. é necessário vazar por alguns cantos. poros. frestas. buracos vazios. espaços entre um ponto e outro. escrevo para conseguir alcançar com segurança o que almejo. esta sensação me atíça. estou atíçado pela ideia de que algo precisa ser registrado. alguma coisa precisa ser feita realmente. e eu realmente não sei o que fazer. apoio os cotovelos na mesa. sinto o cheiro do café. fumo. escrevo. estou escrevendo agora. sente isso: o que escrevo está fresco como quem acaba de nascer. frágil. firme. inconsequente. não me lembro de muita coisa. só dela. uma mulher. aquela mulher que maquiou o passado. ouço

futuro o futuro o futuro o futuro o futuro o futuro o futuro o futuro o futuro o.
espera. acabou.

Submetido em: 11/05/2021.

Aceito em: 23/06/2021.